



GT 36. Espiritualidades, pluralismo e saúde

Coordenador(es):

Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 2

Debatedor/a: Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 3

Debatedor/a: Nicolas Viotti (CONICET)

A relação entre espiritualidade e saúde é recorrente nas práticas e experiências das mais diversas cosmologias e tradições religiosas. Discutir esta relação, a partir de aportes teóricos e de contextos empíricos diferenciados, é o objetivo do GT aqui proposto. Neste sentido, esperamos reunir trabalhos que abordem as imbricações entre estes dois campos, tendo como foco as mediações rituais, simbólicas e materiais que concorrem para a produção da experiência do sagrado e os agenciamentos terapêuticos que visam alcançar a cura e o bem-estar físico e mental dos praticantes. Ao centrar nosso olhar nos processos de cura, queremos enfatizar as dimensões materiais e corporais da espiritualidade para além da especificidade das tradições ou cosmologias religiosas em que estes processos acontecem. Ao mesmo tempo, queremos compreender o agenciamento terapêutico como indexador da eficácia da espiritualidade e como referência para a sua legitimação social e sua institucionalização em contextos não religiosos. Ou ainda, como ancoragem para a adesão dos praticantes aos coletivos de práticas de espiritualidade e produção de subjetividades específicas no contexto diversificado do pluralismo religioso. Por fim, entendemos que a realidade plural das terapias associadas à espiritualidade requer uma pluralidade de perspectivas analíticas.

Rituais terapêuticos no candomblé: a produção da experiência do sagrado

Autoria: Daniela Calvo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

O quadro religioso brasileiro mostra grande diversidade e pluralismo, em um clima em que a oferta terapêutica e a solução de males e infortúnios (junta à valorização do corpo e da natureza, e o pertencimento a uma comunidade) têm um papel importante. O candomblé insere-se nesse cenário, através da oferta de meios diagnósticos, profiláticos e terapêuticos a doenças e infortúnios, e da possibilidade de construção (dialógica e interpessoal) de um sentido mais amplo da doença, ao inseri-la na teia das relações que conectam o ser humano ao cosmo e a seu meio social e ambiental. Oferece seus serviços a todos, independentemente de sua religião, embora a maioria das pessoas que pedem ajuda a um pai/uma mãe de santo pertença a ou frequente, de alguma forma, uma religião de matriz africana e chegue ao sacerdote através de suas redes sociais. Os tratamentos terapêuticos não preveem, necessariamente, o ingresso na comunidade religiosa ou a construção de laços e compromissos duradouros com os òrìsà ou o pai/a mãe de santo, embora a permanência e a adesão a longo prazo ao ?work terapêutico? estejam ligadas ao compartilhamento mínimo de valores e sentidos. Esses são construídos ao longo do percurso terapêutico, a começar pelo diagnóstico do problema, em que o pai/a mãe de santo opera como tradutor das mensagens do oráculo e como mediador e negociador com os òrìsà, os antepassados e o orí (a cabeça da pessoa, entendida



em sua dupla natureza, material e espiritual, e base do destino individual), orienta os procedimentos sucessivos e aconselha sobre a conduta apropriada e as interdições pessoais. Através da análise do borí (oferenda à cabeça), utilizado frequentemente para solucionar problemas de saúde, insucessos e infortúnios, exploro as formas em que o rito atua uma transformação concomitante da pessoa e do mundo, e opera como locus de transmissão de uma maneira de ser, uma visão de mundo e uma filosofia de vida através de palavras, ações, gestos, ?agenciamentos eficazes?, contextos de interação e mediações simbólicas, culturais, políticas, morais, econômicas e ambientais, que modificam o corpo, despertam a emoção e produzem conhecimentos, hábitos, habilidades e sensibilidades, criam identidades e formas de resistência.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: